

GRAMÁTICA  
DO PORTUGUÊS CULTO  
FALADO NO BRASIL

ATALIBA T. DE CASTILHO  
(coordenador)

VOLUME VII

A CONSTRUÇÃO  
FONOLÓGICA  
DA PALAVRA

MARIA BERNADETE M. ABAURRE  
(organizadora)



editora**contexto**

# SUMÁRIO



|                                   |   |
|-----------------------------------|---|
| APRESENTAÇÃO .....                | 9 |
| <i>Maria Bernadete M. Abaurre</i> |   |

## PARTE I SÍLABA

|                                       |    |
|---------------------------------------|----|
| 1. A sílaba e seus constituintes..... | 21 |
| <i>Leda Bisol</i>                     |    |
| 2. Sândi vocálico externo .....       | 53 |
| <i>Leda Bisol</i>                     |    |

## PARTE II VOGAIS

|  |     |
|--|-----|
| 3. As vogais orais: um estudo acústico-variacionista ..... | 75  |
| <i>Dinah Callou, João Antônio de Moraes e Yonne Leite</i>  |     |
| 4. Produção e percepção das vogais nasais .....            | 95  |
| <i>João Antônio de Moraes</i>                              |     |
| 5. Fonologia da nasalização .....                          | 113 |
| <i>Leda Bisol</i>  |     |
| 6. Nasalização fonética e variação .....                   | 141 |
| <i>Maria Bernadete M. Abaurre e Emilio Gozze Pagotto</i>   |     |

PARTE III

CONSOANTES

7. Consoantes em coda silábica: /s, r, l/ .....167  
*Dinah Callou, João Antônio de Moraes e Yonne Leite*
8. Consoantes em ataque silábico: palatalização de /t, d/ .....195  
*Maria Bernadete M. Abaurre e Emilio Gozze Pagotto*

APÊNDICE

9. Mapeamento dos processos.....239  
*Dinah Callou, João Antônio de Moraes e Yonne Leite*

BIBLIOGRAFIA.....243

OS AUTORES.....251

## APRESENTAÇÃO



Os trabalhos reunidos neste volume apresentam, em seu conjunto, os resultados das pesquisas desenvolvidas pelos membros do Grupo de Trabalho (GT) de Fonética e Fonologia ao longo dos dez anos (1988-1998) do Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF), coordenado por Ataliba de Castilho. A publicação do conjunto desses trabalhos pretende contribuir para a divulgação de descrições mais acuradas de aspectos fônicos marcantes da variante culta do português falado no Brasil.

Dentre os principais objetivos dos Grupos de Trabalho do PGPF destacavam-se: fornecer subsídios para a caracterização das variedades geográficas dialetais (pluralidade de normas) e identificar regularidades encontradas nos princípios constitutivos das estruturas fonológicas, morfossintáticas e textuais, na sua produção e no seu processamento. O GT de Fonética e Fonologia, particularmente, optou por fazer um recorte dos aspectos e dos fenômenos que, no plano fônico, caracterizariam, por hipótese, o português do Brasil (PB) e dariam conta da sua distribuição por região do país.

O critério utilizado para a seleção dos trabalhos constantes deste volume foi, portanto, o da representatividade dos fenômenos descritos para a caracterização do componente fônico do português do Brasil. Selecionados como representativos para investigação nas áreas de Fonética e Fonologia de uma gramática refe-

rencial do PB, esses trabalhos tomaram por base os *corpora* controlados das cinco capitais brasileiras do projeto Nurc (Porto Alegre – POA, São Paulo – SP, Rio de Janeiro – RJ, Salvador – SSA, e Recife – RE), e foram desenvolvidos a partir das hipóteses teóricas e da metodologia que nortearam o trabalho do GT e que serão apresentadas a seguir.

Ao definir, em 1992, uma agenda própria de pesquisas, o GT de Fonética e Fonologia definiu, também, seus objetivos, pressupostos teóricos e metodologia de investigação. Os projetos desenvolvidos pelos pesquisadores voltaram-se para alguns aspectos fonético-fonológicos da modalidade culta do português do Brasil, visando a identificar – coerentemente com os pressupostos gerais do PGPF – as regularidades encontradas nos princípios constitutivos das estruturas fonológicas (espaço dos fatos categóricos) e na sua produção e processamento (espaço dos fenômenos variáveis).

Todos os aspectos selecionados foram analisados, do ponto de vista teórico, à luz de modelos fonológicos não lineares (fonologia autosegmental, lexical e métrica) e da teoria da variação e mudança concebida no âmbito da sociolinguística laboviana. A integração dessas visões teórico-metodológicas distintas permitiu evidenciar tanto a unidade fonológica do português culto falado no Brasil como a diversidade fonética existente nos dialetos estudados.

O componente fonológico de uma gramática foi entendido, no GT, como um conjunto de princípios, parâmetros e convenções que organizam o sistema de oposições estabelecidas no plano fônico e as possibilidades de escolha das atualizações dessas oposições, facultadas aos falantes em contextos específicos (linguísticos e extralinguísticos).

Nos trabalhos mais voltados para a discussão dos aspectos representacionais relativos às estruturas fonológicas, optou-se pela utilização do quadro teórico das fonologias não lineares, recorrendo-se, quando pertinente, à fonologia lexical, autosegmental e métrica.

Por se tratar da fonética e fonologia de uma *gramática referencial do português falado*, fundamentada em *corpora* de cinco capitais brasileiras, optou-se pelo desenvolvimento de projetos que pudessem fornecer subsídios para a caracterização das variedades geográficas dialetais, com base em algumas hipóteses sobre processos fonológicos que singularizam cada variedade. Do ponto de vista metodológico decidiu-se por abordar os dados através da sociolinguística quantitativa de inspiração laboviana. A variação é, nessa perspectiva, entendida como uma propriedade inerente à atividade discursiva, motivada internamente por fatores linguísticos e, externamente, por fatores como região, idade, sexo, estilo. Do

ponto de vista formal, a regra variável apresenta características semelhantes às das regras categóricas, diferenciando-se destas pela possibilidade de inclusão de fatores não linguísticos.

Dentro dessa concepção, fenômenos variáveis são **mensurados**, permitindo caracterizar as variedades do português brasileiro por seu percentual de participação maior ou menor em um dado processo fonológico. Ressalte-se que se fez, no âmbito do GT, a opção teórico-metodológica pelo tratamento dos dados de variação segundo a sociolinguística quantitativa laboviana, dadas as perspectivas promissoras que tal metodologia oferece para uma renovação dos estudos dialetológicos sobre o português do Brasil e para uma nova visão dos processos de mudança linguística.

Este volume está organizado em três partes e um Apêndice, sobre os quais se farão, a seguir, breves comentários.

Na Parte I, **Sílaba**, agrupam-se dois trabalhos de Leda Bisol: “A sílaba e seus constituintes” e “Sândi vocálico externo”. O trabalho sobre sândi vocálico foi incluído nesta Parte I devido à reorganização das estruturas silábicas operada pela aplicação das regras de sândi vocálico às sequências vocálicas em junção de palavras.

Em “A sílaba e seus constituintes”, Bisol, seguindo a abordagem da fonologia métrica, discute a composição das sílabas do português brasileiro, bem como as restrições e os princípios que regem sua formação. A partir do pressuposto de que a sílaba possui uma estrutura interna de constituintes, a autora apresenta uma representação arbórea para este domínio, propondo uma organização hierárquica para seus constituintes. Discute, ainda, questões relacionadas à silabificação e res-silabificação de sequências de segmentos no português do Brasil.

A análise desenvolve os seguintes passos: discutem-se, primeiramente, os princípios de composição da sílaba básica, com base nos quais apresenta-se uma representação arbórea para esse domínio. A partir desses princípios, depreende-se o padrão silábico do português. Segue-se o desenvolvimento da ideia de que o mapeamento da sílaba tem como ponto inicial a identificação dos núcleos, e, na ordem, o mapeamento do *onset* e finalmente da coda. Certas operações, como apagamento do elemento não silabado e epêntese, considerada como um processo de legitimação de consoantes extraviadas, merecem especial atenção, em virtude de a aplicação de uma ou de outra operação propiciar variações silábicas.

Admitindo-se que a silabação é um processo contínuo, disponível em qualquer etapa da derivação, a análise, fundamentada nos princípios gerais da teoria adotada, busca apresentar explicações tanto para as sílabas que se encaixam no padrão canônico como para as formas variantes.

Em “Sândi vocálico externo”, Bisol analisa os três processos de sândi observáveis no nível pós-lexical. Esses processos, que têm como domínio prosódico a frase fonológica, caracterizam o português brasileiro: a *elisão* ([kamizuzáda] < /kamíza uzáda/), a *ditongação* ([komyóstras] < /kóme óstras/) e a *degeminação* ([kazazúw] < /káza azúl/).

Na primeira parte, o trabalho oferece uma caracterização desses fenômenos de sândi a partir dos pressupostos teóricos da fonologia autosegmental e conclui que eles são o resultado, na língua, da operação de *princípios universais* como *licenciamento prosódico*, *sequência de sonoridade* e *contorno obrigatório* combinados com outras convenções e regras.

A segunda parte apresenta os resultados da análise estatística (de base laboviana), destacando-se os seguintes aspectos: 1) a atonicidade das duas vogais é o contexto ideal para o sândi externo; 2) o sândi não ocorre quando a segunda vogal é acentuada, exceto quando a ressilabificação fica garantida pela presença, na sequência vv, de uma vogal alta sem acento; 3) o sândi ocorre com mais frequência no domínio da frase fonológica do que no domínio do enunciado; 4) o uso mais ou menos frequente do sândi permite estabelecer diferenças dialetais (RJ e POA apresentando maior implementação dos processos de elisão, ditongação e degeminação, e SP, SSA e RE apresentando menor implementação); 5) estilos mais controlados exibem o sândi com menos frequência do que estilos descontraídos.

Na Parte II, **Vogais**, apresentam-se os trabalhos “As vogais orais: um estudo acústico-variacionista”, de Dinah Callou, João Antônio de Moraes e Yonne Leite; “Produção e percepção das vogais nasais”, de João Antônio de Moraes; “Fonologia da nasalização”, de Leda Bisol; e “Nasalização fonética e variação”, de Maria Bernadete M. Abaurre e Emilio Gozze Pagotto.

Em “As vogais orais: um estudo acústico-variacionista”, os autores apresentam, com base em um estudo espectrográfico das vogais orais pretônicas, tônicas e postônicas, uma caracterização acústica do sistema vocálico do português do Brasil, fundamental para o melhor entendimento de processos fonológicos operantes na língua.

O trabalho analisa acusticamente, através da identificação dos valores do primeiro e segundo formantes (F1 e F2, respectivamente), 3.645 realizações de vogais extraídas de inquéritos do projeto Nurc. O *corpus* é constituído de entrevistas informais com 15 locutores de formação universitária (3 por cada área urbana) estratificados por 3 faixas etárias (25-35, 36-56 e 56 em diante). Foram analisadas 15 ocorrências de cada vogal por falante, através do programa computacional ILS (Interactive Laboratory System), totalizando 1.575 vogais tônicas, 1.395 pretônicas e 675 postônicas.

Foram objetivos da pesquisa: 1) *caracterizar*, acusticamente, o sistema *geral* de vogais tônicas, pretônicas e postônicas e os sistemas dos cinco dialetos: POA, SP, RJ, SSA e RE; e, tomando como referência o sistema das vogais cardeais, *comparar* o sistema vocálico tônico do português do Brasil com o do português europeu; 2) detectar a direção de uma possível mudança fonética em progresso, através das medições acústicas e análise multivariacional.

Dados esses objetivos, uma vez estabelecido o espaço acústico das vogais tônicas do português culto das cinco capitais brasileiras, foi feita a comparação entre os sistemas vocálicos de português do Brasil (PB) e português europeu (PE) e o sistema das vogais cardeais, concluindo-se, no trabalho, que parece existir uma tendência de tornar-se mais *compacto* o sistema de PB, ou seja, de distanciar-se, pela centralização da vogal alta /i/ e pelo alçamento e anteriorização da vogal /a/, tanto de PE como das vogais cardeais.

Com relação à variação, o estudo mostrou que há dois processos que diferenciam os dialetos: o de *anteriorização* e *abaixamento* da vogal /i/ e o de *posteriorização* e *abaixamento* da vogal /a/.

Em “Produção e percepção das vogais nasais”, João Antônio de Moraes discute alguns dados sobre a fonética da nasalidade vocálica no PB. Sem perder de vista a perspectiva fonológica, o autor aborda inicialmente alguns aspectos gerais da articulação e da acústica das vogais nasais brasileiras. Em seguida, com base em dados de testes perceptivos, discute quatro questões específicas, de natureza fonológica: 1) Há pistas fonéticas (diferenças na manifestação da nasalidade) a indicar que a nasalidade contrastiva, a alofônica e a coarticulatória sejam processos derivados de regras distintas?; 2) De que maneira fatores como o timbre vocálico e o acento interagem com a nasalidade?; 3) Qual das interpretações/representações das vogais nasais, a bifonêmica ou a monofonêmica, é favorecida pelos dados fonéticos? A presença de um apêndice consonantal nasal proeminente seguindo a vogal favoreceria, numa abordagem mais natural, a interpretação bifonêmica.

As conclusões a que chega o autor, com relação às questões consideradas, podem ser resumidas como se segue.

A visão tradicional da nasalização vocálica no português do Brasil identifica dois tipos de nasalização, a contrastiva e a alofônica, e considera esta última uma nasalização mais fraca, secundária. Os dados apresentados pelo autor mostram que, do ponto de vista articulatório, há quatro graus de abertura da passagem velofaríngea na produção das vogais no português. Além disso, revelam que a nasalização contrastiva e a alofônica são igualmente intensas. Tal achado é corroborado igualmente nos testes de percepção.

Tanto do ponto de vista articulatorio quanto do perceptivo, a nasalização fonológica (contrastiva) e a alofônica são processos similares, e devem ser considerados o resultado da aplicação de regras adquiridas de nasalização. Já a nasalização coarticulatória parece ser um fenômeno puramente fonético, de transição.

O peso do acento é crucial tanto do ponto de vista fonético (grau de nasalização alcançado) quanto fonológico, pois a pauta acentual pode determinar, segundo o dialeto, o alcance das regras de nasalização. Da mesma forma, articulações mais abertas das vogais nasais favorecem a percepção da nasalidade. Por fim, a interpretação bifonêmica da nasalização contrastiva é a que encontra maior suporte nos dados fonéticos.

Em “Fonologia da nasalização”, Leda Bisol retoma a discussão de um dos aspectos mais polêmicos da fonologia do português: a nasalidade vocálica. A partir da pergunta clássica sobre se o sistema da língua portuguesa possui vogais intrinsecamente nasais ou se as chamadas vogais nasais devem ser interpretadas como sequência de vogal oral mais consoante nasal, a autora, com base na fonologia lexical e na teoria autosegmental, distingue dois processos de nasalidade na língua: a nasalidade por estabilidade (lexical) e a nasalidade por assimilação (pós-lexical).

Sua análise, conduzida na perspectiva da fonologia lexical, assume uma concepção de léxico composto de dois *strata*, o da raiz e o da palavra. É no nível da palavra (componente lexical) que se forma, por estabilidade, o ditongo nasal. A nasalização por assimilação, que alcança itens sem vogal temática e a vogal interna, e que não tem uma morfologia específica, opera no componente pós-lexical.

Uma das conclusões importantes desse trabalho diz respeito à principal diferença entre os dois tipos de nasalidade, a do ditongo e a da vogal nasal (VN), ambos VN na subjacência: o verdadeiro ditongo nasal, de formação mais subjacente, é gerado no comportamento lexical, pois conta com um elemento morfológico, a vogal temática, enquanto a vogal nasalizada, presente em todo o processo derivativo como VN, torna-se uma vogal nasal somente no componente pós-lexical, pois prescinde de informação morfológica.

Em “Nasalização fonética e variação”, Maria Bernadete M. Abaurre e Emilio Gozze Pagotto apresentam os resultados de uma análise variacionista da nasalidade fonética no português do Brasil. O trabalho baseia-se em um *corpus* ampliado de 30 inquéritos, totalizando 300 minutos de gravação e 9.570 dados representativos das variáveis relevantes. Destes, 4.946 representam casos de nasalidade fonológica, de manifestação categórica. A variação verifica-se no contexto da nasalidade fonética, representada em 4.624 dados. Os resultados da investigação voltam-se especificamente para as ocorrências da nasalidade fonética e os resulta-

dos significativos são os seguintes: 1) em sílabas acentuadas, a nasalização fonética ocorre quase categoricamente e é bloqueada somente no contexto de juntura de palavra, o que caracteriza o processo como intralexical; 2) a nasalização ocorreu em 100% dos casos quando a consoante que segue a vogal é nasal palatal. O ponto de articulação da nasal seguinte continua relevante mesmo quando se consideram as outras consoantes, pois parece haver uma hierarquização na assimilação de nasalidade segundo o ponto de articulação: palatais > dentais > labiais; 3) excluindo os casos em que a nasalização é categórica, observa-se uma hierarquização entre fatores de natureza morfológica e fatores de natureza fonética. O contexto de juntura morfológica atua como um forte inibidor do processo de assimilação. Já o contexto interno à raiz da palavra libera a atuação de outros fatores; 4) a presença de uma consoante nasal precedendo a variável condiciona fortemente a nasalização. O *onset* vazio, por sua vez, inibe a assimilação da nasalidade. Já o *onset* preenchido por consoantes não nasais não chega a inibir a nasalização. *Onsets* duplamente preenchidos inibem fortemente a nasalização da vogal; 5) a região geográfica é também determinante para a descrição do processo de nasalização. Norte e Sul se opõem quanto à nasalização: RE e SSA nasalizam mais; SP e POA nasalizam menos. O RJ está no meio do caminho.

Na Parte III, **Consoantes**, estão os trabalhos “Consoantes em coda silábica: /s, r, l/”, de Dinah Callou, João Antônio de Moraes e Yonne Leite, e “Consoantes em ataque silábico: palatalização de /t, d/”, de Maria Bernadete M. Abaurre e Emilio Gozze Pagotto.

Em “Consoantes em coda silábica: /s, r, l/”, Dinah Callou, João Antônio de Moraes e Yonne Leite retomam a questão da ocorrência de consoantes em coda silábica, no PB, tendo como objetivo identificar e analisar, no *corpus* do PGPF, os processos de enfraquecimento de /s/, /r/ e /l/ nessa posição silábica. Os autores procuram, em seu trabalho, estabelecer: a) a geolinguística desse(s) processo(s) de enfraquecimento; b) seus fatores condicionantes; c) o tipo de mudança ocorrida; d) o estágio em que se encontra(m) o(s) processo(s).

As principais conclusões desta investigação são as seguintes: 1) o processo de posteriorização é comum às três consoantes; 2) as múltiplas realizações das consoantes em pauta se prestam a estabelecer delimitação de áreas dialetais; 3) a hipótese de que a palatalização do s constitui uma mudança de cima para baixo apoia-se em evidências fracas, uma vez que a expansão da regra não é atestada historicamente. Além disso, como essa regra não acarreta nenhum tipo de fusão, torna-se impossível fazer uso do paralelo feito por Labov entre tipos de fusão e mudanças “de cima para baixo” e/ou “de baixo para cima” para esclarecer a questão. O mesmo se aplica

para as mudanças do L e do R. Trata-se, nos casos apresentados, de variação no nível fonético, sem consequência no nível representacional; 4) gênero constitui uma variável crucial, indicando uma comunidade cindida, homens e mulheres apresentando distintos comportamentos linguísticos; 5) é possível explicar a presença de realizações das líquidas, em posição de coda, pela atuação de princípios universais. Um deles é o controvertido princípio do menor esforço, segundo o qual sons menos complexos (não marcados) tendem a substituir os mais complexos (marcados). Outro princípio relaciona-se à constituição da sílaba, que otimiza a sonoridade da estrutura demissilábica núcleo + coda (ou rima).

Os autores observam, ainda, que se a representação autossegmental de Clements for adotada, a velarização do L constitui uma etapa necessária para o estágio seguinte de vocalização. No caso do R, como se viu, a explicação do processo como um enfraquecimento resultante de uma escala de sonoridade não satisfaz. A palatalização do s, por sua vez, não se encaixa em nenhum dos princípios anteriormente mencionados. Parece tratar-se de um caso de mudança – cujo alvo seria imitar uma pronúncia supostamente de prestígio – que se comporta de forma diversa, não estando sujeita a tendências universais.

Em “Consoantes em ataque silábico: palatalização de /t, d/”, Maria Bernadete M. Abaurre e Emilio Gozze Pagotto analisam, com base nos pressupostos da sociolinguística quantitativa laboviana, as ocorrências, nos dados representativos das cinco capitais do projeto, das consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/ quando seguidas de uma vogal realizada como alta anterior [i]. Foram consideradas relevantes, para o estudo, as realizações da variável como oclusiva dental surda ou sonora ou como africada palatoalveolar surda ou sonora.

Os resultados mais significativos desse trabalho são os que se apontam a seguir.

De todos os grupos de fatores analisados, o que se mostrou mais consistente foi o da *região geográfica*, apontando-se, nos dados estudados, para uma polarização entre Recife e Rio de Janeiro no que diz respeito à palatalização da oclusiva: os dados do Rio de Janeiro se mostraram categóricos quanto à aplicação da regra e os do Recife ofereceram forte resistência à palatalização. Os dados de Salvador e São Paulo se mostraram mais próximos entre si do que os de Porto Alegre, que se apresentaram com o percentual mais baixo de palatalização, depois do Recife.

Os informantes, em algumas regiões, apresentaram comportamentos idiosincráticos muito diferentes entre si, especialmente em Porto Alegre, o que indica que o processo de variação, à época da coleta dos dados, apresentava aspectos sociolinguísticos que não puderam ser captados pela descrição social adotada,

demonstrando, mesmo assim, uma implementação do processo de palatalização que ainda não se havia completado no âmbito de toda a sociedade local. Esse comportamento idiossincrático leva, necessariamente, a relativizar os resultados de Porto Alegre, no sentido de não se poder caracterizar, com segurança, o dialeto local como não palatalizado.

O estudo do comportamento da variável, no seu funcionamento linguístico, confirmou hipóteses já apontadas anteriormente em outros trabalhos: 1) a de que a sonoridade da variável tem influência sobre a aplicação da palatalização; 2) a de que a consoante fricativa alveolar [s], que segue a vogal /i/ átona, formando a sequência [tis] ou [dis], ocasiona o acionamento de uma outra regra fonológica que suprime a vogal [i], inibindo a aplicação da palatalização; 3) a de que o glide [y], em que se transforma a vogal que segue a oclusiva dental em processo de ressilabificação, condiciona mais fortemente a palatalização do que as outras realizações desta vogal; d) a de que há uma tendência à coocorrência da oclusiva palatalizada e da palatalização da consoante fricativa /s/ que a antecede; do mesmo modo, a realização alveolar da consoante fricativa /s/ tende a coocorrer com a realização não palatalizada da consoante oclusiva.

Os autores ressaltam, ainda, que não foi possível identificar com segurança um controle de natureza lexical sobre o processo de variação estudado, havendo apenas alguns indícios de que isso possa ter ocorrido.

O volume traz, ainda, um **Apêndice**, “Mapeamento dos processos”, organizado por Dinah Callou, João Antônio de Moraes e Yonne Leite, em que são apresentados dois mapas com a área de abrangência dos seis processos fonológicos discutidos nos trabalhos constantes do volume, consideradas as cinco capitais brasileiras estudadas no projeto Nurc (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife): 1) palatalização do /s/ em coda silábica; 2) fricativização e posteriorização do /r/ pré e pós-vocálico; 3) palatalização do /t/ e do /d/ diante de /i/; 4) vocalização do /l/ em coda silábica; 5) nasalização da vogal pré-tônica diante de consoante nasal; e 6) elevação da vogal média pretônica [e] → [i] e [o] → [u].

Os pesquisadores deste GT julgam ter conseguido levar a bom termo praticamente todas as investigações que se propuseram realizar em seu programa de pesquisas. Ficaram ainda por realizar, de forma sistemática, estudos sobre acento, ritmo e entoação nas cinco capitais.

Ao longo dos dez anos de pesquisas do GT, participaram do desenvolvimento de projetos os seguintes pesquisadores: João Antônio de Moraes, UFRJ (primeiro coordenador do GT); Maria Bernadete M. Abaurre, Unicamp (coordenadora do GT a partir de 1992); Leda Bisol, PUCRS; Dinah Callou, UFRJ; Yonne Leite, UFRJ;

Luiz Carlos Cagliari, Unesp (de 1988 a 1992); Emilio Gozze Pagotto, Unicamp. Destaca-se, nesta oportunidade, a importância de que se revestiu o trabalho em grupo, no interior do GT, o que permitiu não só o estímulo mútuo e crescimento conjunto, mas sobretudo a polêmica saudável e necessária e o intercâmbio de conhecimentos e experiências individuais.

Tendo em vista que o objetivo maior do GT era o de fornecer subsídios para a caracterização das variedades geográficas dialetais do português do Brasil, pode-se dizer que a escolha teórico-metodológica de uma abordagem sociolinguística de cunho quantitativo, como a laboviana, para servir de quadro de referências para as pesquisas do grupo, foi adequada.

Com efeito, a escolha de tal metodologia revelou-se produtiva para a caracterização da variação linguística que envolve as variáveis consideradas nos projetos do GT, conforme demonstram os resultados finais dos trabalhos apresentados pelos pesquisadores ao longo desses anos. Acreditamos que os resultados das pesquisas que tivemos a oportunidade de desenvolver no PGPF constituem um avanço na busca de caracterização da estratificação regional do português do Brasil.

Na preparação da versão final dos textos constantes deste volume, levou-se em conta a decisão tomada por ocasião do x Seminário do Projeto da Gramática do Português Falado, realizado em 1998, segundo a qual os textos seriam voltados essencialmente para o público acadêmico, aí incluídos os professores e alunos de cursos de graduação da área de Letras e Linguística. Deveriam, portanto, ser redigidos em linguagem que, embora técnica, pudesse ser entendida mesmo por não especialistas na área de Fonética e Fonologia. Procurou-se, na medida do possível, cumprir tal decisão, mas o compromisso que é possível fazer, em termos de discussões fonéticas e fonológicas, é relativamente limitado, pois implica muitas vezes manter conceitos e terminologia sem os quais a discussão dos tópicos selecionados ficaria inviabilizada.

Durante o trabalho de preparação dos textos para publicação neste volume, contamos com a ajuda inestimável do colega Juanito Ornelas de Avelar, do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. A ele deixamos registrados, aqui, os nossos sinceros agradecimentos.